

A poesia de Pablo Neruda: vanguarda, modernismo e regionalidade*

Poetry by Pablo Neruda: vanguard, modernism and regionality

*Lisana Teresinha Bertussi***

Resumo

Estudo da poesia de Pablo Neruda para examinar as referências regionais que, por um lado, têm o papel de fazer uma apologia da natureza da América Latina e, por outro, dão forma a um novo conceito de região, baseado em conflitos sociais comuns e a luta pela emancipação, incluindo nesse recorte países como Chile, Uruguai, Bolívia, Brasil, Espanha, Estados Unidos e Rússia, entre outros. Essa segunda abordagem não deixa de ser uma possibilidade de nova proposta para o conceito de região, o que passa pela discussão do que seja regionalismo, que é só apolítico e programático, e regionalidade, que é um processo de referência regional para alcançar o universal.

Palavras-chave

Pablo Neruda; região; regionalismo; regionalidade.

Abstract

Study of poetry by Pablo Neruda in order to examine the regional references that, on one hand, have the purpose of praising the characteristics of Latin America and, on the other hand, give shape to a new concept for the region, based on common social conflicts and the fight for emancipation. Countries such as Chile, Uruguay, Bolivia, Brazil, Spain, the United State and Russia, among others, are included in these works. This second approach does not fail to be a possibility for a new proposal for the concept of a region, which is included in a discussion on the meaning of regionalism, which is complimentary and pragmatic, and regional identity, which is a process using regional references to reach universality.

Key words

Pablo Neruda; region; regionalism; regionality.

* Artigo recebido em 12 de fevereiro de 2010 e aprovado em 17 de abril de 2010.

** Doutora em Teoria da Literatura (1991), com Estágio Pós-doutoral na PUCRS (2005-2007). Docente na graduação em Letras e no Mestrado em Letras, Cultura e Regionalidade da Universidade de Caxias do Sul.

PABLO NERUDA, CHILENO DE NASCENÇA E DEVOÇÃO, soube como nenhum outro poeta cantar sua terra, a América Latina, sua natureza, sua gente, seus conflitos, o que fez surgir a dimensão de identidade na contra a opressão, estendendo o conceito de região, no sentido de pertença e adesão afetiva aos valores da comunidade, como diria Ruben Oliven (1992)¹, para outros países como a Espanha, com sua sangrenta guerra civil, a Rússia, com sua revolução socialista, os Estados Unidos, com seu racismo e movimentos pela igualdade racial, e o Brasil, entre muitos outros países, com seus esforços pela emancipação.

Ao lado desse Neruda telúrico e político, temos um poeta lírico excelente, e um grande inovador na poesia, que, pela linguagem, chegou a adquirir caracterização da tendência surrealista e, não fosse esse caráter inovador, sua imagística é muito inusitada e modernista, em diversos momentos, ainda que se possa arriscar a dizer que, nos segmentos mais panfletários, sua poesia perde em elaboração estética, tornando-se quase prosaica. Mas o exame da linguagem não será nosso objetivo aqui, e sim a questão da regionalidade.

Feita uma opção de recorte para leitura - com *Crepusculário*², primeiro livro, publicado em 1923 escrito pelo poeta, dos dezesseis aos dezenove anos, e de tonalidade simbolista; *Vinte poemas de amor e uma canção desesperada*, de 1924, com poemas de amor, construídos já com maior consciência de elaboração estética, processo inaugurado nessa obra; a trilogia formada por *Residência na terra I*, de 1935, *Residência na terra II*, de 1937, e *Terceira residência*, de 1947, textos que operam uma transformação monumental na linguagem, em direção ao Surrealismo, ao mesmo tempo, em que, no último, anuncia-se sua vocação de poesia politicamente engajada; *Canto geral* de 1950, sua obra máxima sobre a opressão do homem pelo homem e as lutas de libertação, e *Memorial de Isla negra*, de 1964, texto que mescla biografismo, telurismo, luta social e lirismo amoroso – está criado o corpus de leitura para a presente inquirição, ainda que os dois primeiros livros não sejam a tônica do estudo.

A região na poesia de Pablo Neruda: da América para o mundo, do elogio da natureza e do homem em direção à luta pela libertação da opressão

¹ Ruben George Oliven, no ensaio *A parte e o todo*: a diversidade cultural do Brasil, enfatiza que, na região, temos uma comunidade com adesão afetiva aos valores agregadores.

² Vamos usar as siglas, seguidas de páginas, para as obras examinadas, ou seja: CR para *Crepusculário*, VPA para *Vinte poemas de amor e uma canção desesperada*, RI, para *Residência na terra I*, RII para *Residência na terra II*, RIII para *Terceira residência*, CG para *Canto geral* e MIN para *Memorial da Isla negra*.

Nos dois primeiros livros publicados por Pablo Neruda, *Crepusculario* e *Vinte poemas de amor e uma canção desesperada*, a presença da região ainda não é marcante. É com *Residência na terra I* que ela começa a se fazer presente, ainda que não tenha a força que vai adquirir nos livros seguintes. Declara o poeta, nesse livro, num poema em prosa, intitulado “Comunicações desmedidas”:

Papagaios, estrelas, e o sol oficial, além disso, e uma brusca umidade fizeram nascer em mim um gosto ensimesmado pela terra e quanta coisa a cobria, e uma satisfação de casa velha por seus morcegos, uma delicadeza de mulher nua por suas unhas, dispuseram em mim como armas fracas e tenazes das minhas faculdades vergonhosas, e a melancolia pôs a sua estria no meu tecido, e a carta de amor, pálida de papel e tremor, subtraiu a sua aranha trêmula que apenas tece e incessante destece e tece.(RI., p.45)

Em *Residência na terra II*, ainda é tímida a referência regional, mas pode ser observada, em poemas como “O Sul do oceano” ou “Estatuto do vinho”, ainda que “região”, aqui, tenha um caráter simbólico e não enuncie nenhum lugar, em particular, mas podendo, pela presença do mar, indicar o Chile e sua geografia. Vejam-se, respectivamente, passagens do primeiro e segundo:

De consumido sal e garganta em perigo
estão feitas as rosas do oceano solitário,
a água roda no entanto
e pássaros temíveis,
e não há mais do que a noite acompanhada
do dia, e o dia acompanhado
dum refúgio, duma
túrgula, do silêncio.
[...]
É uma região só, já tenho falado
desta região tão só,
onde a terra está cheia de oceano,
e não há ninguém, a não ser pegadas de cavalo,
não há ninguém, a não ser o vento, não há ninguém,
a não ser a chuva que tomba sobre as águas do mar,
ninguém, a não ser a chuva que cresce sobre o mar
(RII, ps. 24 e 29)

Não há dúvida de que essa paisagem litorânea, essa “região só”, onde “não há ninguém” e é chuvosa, é uma projeção de um sentimento de solidão extrema do sujeito lírico, pois à água do mar só se acrescenta a da chuva, metáfora de sua tristeza profunda, talvez, pela analogia com lágrima. Já, no poema seguinte, o “vinho” é antídoto eficiente para o vazio da existência. Observe-se:

Quando em regiões, quando em sacrifícios
manchas cor de amora como chuvas caem,
o vinho abre as portas com assombro,
e no refúgio dos meses voa
seu corpo de empapadas asas rubras.

Seus pés tocam os muros e as telhas
com umidade de línguas alagadas,
e sobre o frio do dia despido
suas abelhas em gotas vão caindo.

Sei que o vinho não foge dando gritos
à chegada do inverno,
nem se esconde em igrejas tenebrosas,
a procurar fogo em trapos derrubados,
e sim que voa sobre a estação,
sobre o inverno que chegou agora
com um punhal entre as sobrancelhas duras. (RII., p.85)

Aqui, o “vinho abre as portas com assombro”, um “vinho” que “não foge dando gritos”, mas “voa sobre a estação / sobre o inverno que chegou agora”, cheio de positividade. Ainda que o poeta refira “regiões”, não há especificidade, senão hipotética, e o universo poético pode apontar até para possibilidades internas do eu.

Já, em *Terceira residência*, a “terra” vai se desvelando como presença mais marcante e traz com ela a preocupação com o social e o engajamento do poeta, que usa a poesia como arma revolucionária. No poema “Ode solar ao exército do povo”, esse processo pode ser percebido e, ainda, a ênfase dada aos frutos da natureza: “as espigas”, “o leite”, “as batatas”, “o limão”, “o loureiro”, o que acaba por configurar a terra, a região. Também a luta solidária representada por um “colar de mãos” está fortemente presente e indicia a vitória no “azul fortificado”. Observe-se:

Armas do povo! Aqui! A ameaça, o assédio
ainda derramam terra mesclada de morte,
áspera de agulhões!
Saúde, saúde,
saúde te dizem as mães do mundo,
as escolas te dizem saúde, os velhos carpinteiros,
exército do povo te dizem saúde com as espigas,
o leite, as batatas, o limão e o loureiro,
tudo o que é da terra e da boca
do homem.
Tudo, como um colar
de mãos, como uma
cintura palpitante, numa obstinação de relâmpagos,
tudo se prepara e converge em ti!

Dia de ferro,
azul fortificado. (RIII., p.123)

A Espanha, com sua sangrenta guerra civil, é enfaticamente referida nesse livro, e várias de suas regiões são poetizadas, como Almeria, Málaga, Galícia, entre outras. Também, a Rússia está presente, com sua revolução, e Bolívar, herói libertador latino americano, é trazido à poesia, pela analogia com outros homens envolvidos nessas lutas, de que até Luiz Carlos Prestes, o brasileiro, participou sendo cantado como um deles. Observe-se como a percepção da Espanha em guerra, no longo poema-livro *Espanha no coração*, no segmento-poema “Espanha pobre por culpa dos ricos” é construída por referência a elementos da natureza, como “cavalos”, “pedras”, “cereais”, “maçã”, “pinheiro”, procedimento comum na poesia de Neruda, que nunca perde a terra de vista:

A pobreza era por Espanha
como cavalos cheios de fumo,
como pedras caídas
do manancial da desventura,
cereais terras sem
abrir, adegas secretas
de azul e estanho, ovários, portas, arcos,
fechados, as profundezas
que queriam parir, e tudo estava guardado
por triangulares guardas de escopetas,
por padres de uma cor de triste rato,
por lacaios do rei de imensa bunda.
Espanha dura, país maçã pinheiro,
proibiram-te os teus vagos senhores:
a não semear, a não parir as minas,
a não montar as vacas, ao ensimesmamento
das tumbas [...] (RIII., p.63)

E o pós-batalha também é marcado por esses mesmos metonímicos elementos da terra, da região, que remetem indiretamente ao homem, no segmento-poema “Paisagem depois de uma batalha”:

Mordido espaço, tropa esfregada
contra os cereais, ferraduras
rotas, geladas entre neve e pedras,
áspera lua.

Lua de égua ferida calcinada,
envolta em esgotadas espinhas, ameaçadoras, metal
fundido ou osso, ausência, pano amargo,
fumaça de coveiros

Por trás dos acres nimbos nitratos,

de substância em substância, de água em água,
rápidos como trigo debulhado,
queimados e comidos.[...] (RIII., p.11)

Em “Canto a Stalingrado”, a referência é a Rússia e sua situação pré-revolução socialista, a qual o poeta considera como uma esperança de mudança social. Já, em “Canto ao exército vermelho em sua chegada às portas da Prússia”, há uma explícita apologia à revolução. Observe-se-os, respectivamente:

[...]
Hoje conheces isso, forte virgem,
hoje conheces, Rússia, a solidão e o frio.
E milhares de obuses destroem teu coração,
quando os escorpiões com crime e veneno,
Stalingrado, acorrem a morder tuas entranhas,
Nova York dança, Londres pensa, e eu digo “màrde”
Porque meu coração não pode mais e nossos
 corações
não podem mais, não podem
num mundo que deixa morrer seus heróis. [...] (RIII., p.133)

[...]
Este é o CANTO entre a noite e a manhã, este é o canto
saído desde os últimos estertores como desde o couro
golpeado de um tambor sangrento,
brotado das primeiras alegrias parecidas com o ramo
florido na neve e ao raio de sol sobre o ramo florecido.[...] (RIII.,
p.181)

Aqui “o ramo florido na neve” e o “raio de sol sobre o ramo florecido” são insistentes metáforas da alegria da transformação social oferecidas pela natureza, o que demonstra, mais uma vez como a poesia de Neruda está sempre vinculada fortemente à terra. Em “Um canto para Bolívar”, fica claro como o poeta universaliza a região, pela identidade criada a partir dos conflitos, da opressão social e das lutas emancipatórias, pois refere Bolívar, libertador da América, ao lado dos russos, espanhóis e outros. E na metonímia das “mãos”, da “ronda de mãos”, que se tocam, temos a alegoria da solidariedade mundial nessa luta. Veja-se:

[...]
Teu pequeno cadáver, capitão valente,
foi que estendeu no imenso a metálica forma,
logo vão sair os dedos teus dentro da neve
e o pescador austral tira à luz num momento
o teu sorriso, a tua voz que palpita em redes.

[...]

Por isso hoje é a ronda das mãos junto a ti.
com a minha mão tem outra e outra com ela,
e mais outra até o fundo continente escuro.
E outra mão que então tu também não conheceste
virá também Bolívar, estreitar a tua,
de Teruel, de Madri e de Jamara e mais Elbro,
do cárcere, do ar, dos mortos da Espanha
Chega esta mão vermelha e que é filha tua.

[...]
Libertador do mundo de paz nasceu em teus braços.
A paz, o pão, o trigo nasceram do teu sangue,
de nosso jovem sangue vindo do teu sangue
sairá paz, pão e trigo para o mundo que faremos. (RIII.,ps. 161, 163)

Canto geral é, sem dúvida o livro mais político de Neruda e o que mais refere regiões não só do Chile, da América Latina, como da Europa, Nova York e outras. Do elogio à natureza, às árvores, aos animais, aos pássaros, ao mar, chega à apologia dos heróis revolucionários libertadores. São XV livros dentro do livro maior, muito espaço para o poeta falar da terra, dos homens, da História da América Latina, fazendo paralelos com outras lutas emancipatórias universais, e realizar, ainda, uma espécie de meta-poesia, reafirmando reiterada e explicitamente sua opção pela arte engajada na luta social.

No livro “A lâmpada da terra”, no poema “Amor América” está um sentimento telúrico forte, como se pode perceber, na afirmação “o homem terra foi” e nas referências às “cordilheiras”, ao “condor”, à “neve”, à “mata”, aos “pampas”. Observe-se:

Antes do chinó e do fraque
foram os rios, rios arteriais:
foram as cordilheiras, em cuja vaga puída
o condor ou a neve pareciam imóveis:
foi a umidade e a mata, o trovão
sem nome ainda, as pampas planetárias.

O homem terra foi, vasilha pálpebra
do barro trêmulo, forma de argila
[...] (CG., p.21)

A árvore é uma referência metonímica enfática, em *Canto geral*. Portanto, a América pode ser adjetivada com a palavra “arvoredo”. Ela é um “útero verde”, o que aponta para a importância da “mata”, das “folhas”, da “folha que foi espada”, das “pedras”, da “flor [que] foi relâmpago”, na percepção do poeta, em que a natureza

oferece elementos para a guerra instaurada contra a opressão. Observe-se o poema “Vegetações”:

América arvoreda, sarça selvagem entre os mares,
de polo a polo balançavas,
tesouro verde, a tua mata.
Germinava a noite
em cidades de cascas sagradas,
em sonoras madeiras,
extensas folhas que cobriam
a pedra germinal, os nascimentos.
Útero verde, americana,
savana seminal, adega espessa,
um ramo nasceu como uma ilha,
uma folha foi forma de espada,
uma flor foi relâmpago e medusa,
um cacho arredondou seu resumo,
uma raiz desceu às trevas. (CG., p.25)

O homem faz parte integrante dessa natureza, pois “é feito de pedras e atmosfera / limpo como cântaros”, (CG., p.37) como se observa, no poema “Os homens”. A poesia conta consternada a história de uma América roubada, explorada pelo colonizador, em poemas como “Minerais”:

Mãe dos metais, te queimaram,
te morderam, martirizaram,
te corroeram, te apodreceram
mais tarde, quando os ídolos
já não podiam defender-te.(CG., p.33)

No livro “Alturas de Macchu Picchu”, solicita-se que tudo seja contado ao sujeito do poema, o poeta. Sem dúvida, para dar-lhe forças para a luta, armado com sua poesia:

Através da terra juntai
todos os silenciosos lábios derramados
e lá do fundo falai comigo por toda esta longa noite,
como se eu estivesse ancorado convosco,
contai-me tudo, cadeia por cadeia,
elo por elo, passo por passo,
afiai as facas que escondestes,
colocai-as no meu peito, em minha mão,
como um rio de raios amarelos,
como um rio de tigres enterrados,
e deixai-me chorar, horas, dias, anos,
idades cegas, séculos estelares,

Daí-me o silêncio, a água, a esperança.

Daí-me a luta, o ferro, os vulcões.

Apegai a mim os corpos como ímãs.

Afluí a minhas veias e a minha boca.

Falai por minhas palavras e por meu sangue. (CG, p.62-63)

É um pacto de solidariedade, batalha e esperança, esse que surge do sofrimento de saber o que foi calado: a opressão, a destruição, a exploração da América. E quando se pede “falai por minhas palavras e por meu sangue”, o comprometimento da poesia com o povo americano está selado.

Em “Os libertadores” faz-se a apologia dos heróis lutadores do continente e vêm à poesia nomes como Cuahtémoc, o asteca, Bartolomé de Las Casas, San Martín, Lautaro, araucano, Francisco de Miranda, boliviano, Bernardo O’ Higgins, chileno, Artigas, do Uruguai, a que se juntam lutadores de outras regiões, como o haitiano Toussant L’ouverture, Sandino da Nicarágua, entre muitos outros, o que mais uma vez universaliza a região pela luta.

Em “Areia traída” são os poderosos, ditadores, traidores latino-americanos como Rosas, argentino, García Moreno, equatoriano, Machado, cubano, Martinez, de El Salvador, entre outros que são nomeados e denunciados.

O papel dos E.U.A., como imperialista colaborador no processo de opressão, é enfatizado, em poemas como “Martínez”, o qual “de novo em palácio retorna/ a seus xaropes, e recebe/ rápidas felicitações / do embaixador norte-americano” (CG., p.245); ou ainda em “A Standard Oil Co.”, em que, ao referir a riqueza do petróleo latino-americano, afirma-se que “antes chegou a Standard Oil / com seus letrados e suas botas, / com seus cheques e seus fuzis, / com seus governos e seus pesos.”(CG., s. 270,271)

Lamenta-se o sofrimento dos oprimidos em “Olaria”, em que se refere: “povo meu, / como com tuas dores nas costas, / espancado e rendido, como foste/ acumulando ciência desfolhada?”, demonstrando que é possível adquirir forças no infortúnio, como se pode observar também no poema “Teares”:

Mãos do povo meu nos teares,
mãos pobres que tecem, uma a uma,
as plumagens de estrela que faltaram
a tua pele, Pátria de cor escura,
substituindo fibra por fibra o céu
para que cante o homem os seus amores
e galope acendendo cereais. (CG., p.336)

No livro “As flores de Punitaqui”, o poeta fala em primeira pessoa, o que vai repetir-se muitas vezes, reforçando sua intenção de usar a poesia engajada à luta emancipatória. Observe-se que ele afirma “onde pus o pé resvalou minha alma”, enunciando que sua poesia “nasceu” “resgatada de urtigas, empunhada” como se preparada para batalhar:

Vivi um mundo de lamaçal marinho,
no qual a flor de súbito, a açucena
me devorava em tremor de espuma,
e onde pus o pé resvalou minha alma
pelas dentaduras do abismo.
Assim nasceu minha poesia, apenas
resgatada de urtigas, empunhada
sobre a solidão como um castigo,
ou apartou no jardim da impudícia
sua mais secreta flor até enterrá-la (CG., p.453)

O tempo em que a predominância de sua poesia era o lirismo é referido como um momento passado, a ser esquecido, desvalorizado pelo poeta, a ser substituído, ainda que a crítica o elogiasse, elogio que ele menospreza, e a transformação em direção ao épico é bem vista por Neruda, pois ele parece considerá-la um passo em direção ao amadurecimento de sua literatura. Observe-se:

Quando eu escrevia versos de amor, que me
brotavam
de todos os lados, e morria de tristeza
errante, abandonado, roendo o alfabeto,
me diziam; “Como és grande, oh, Teócrito!”
Eu não sou Teócrito: tomei a vida,
me pus diante dela, dei-lhe beijos até vencê-la,
e logo me fui pelas minas
para ver como viviam outros homens .
E quando saí com as mãos manchadas de
imundícies e dores,
eu as levantei a mostrá-las nas cordas de ouro,
e disse: “Eu não compartilho do crime” (CG., pp. 462,463)

No livro “O grande oceano” o mar adquire contornos de região. É o mar do Chile, o mar da América, com seus animais, seus pássaros, seus homens, seus portos. A Ilha de Páscoa é vista com ênfase e a Antártica também é referida. Observe-se “Os homens e as ilhas”, em que “águas”, “pedras”, “a lua”, as “ondas”, o “vento”, estão “entrelaçados”, num contato quase erótico do “vento nupcial das palmeiras”:

Os homens oceânicos despertaram, cantavam
as águas nas ilhas, de pedra em pedra verde:
as donzelas têxteis cruzavam o recinto

em que o fogo e a chuva entrelaçados
procriavam diademas e tambores.
A lua melanésica
foi uma dura madreperla, as flores enxofradas
vinham do oceano, as filhas
da terra tremiam como ondas
no vento nupcial das palmeiras,
e entravam na carne os arpões
perseguido as vidas de espuma. (CG., p. 518)

Em “Rapa-Nui”, nome indígena da Ilha de Páscoa, temos uma apologia aos inexplicáveis monumentos que o homem do passado conseguiu erguer, como um símbolo da grandeza do povo chileno e, talvez, até uma alegoria de sua gênese na América. Observe-se:

Tepito-Te-Henúa, umbigo do mar grande,
oficina do mar, extinto diadema.
De tua lava escorial subiu o rosto
do homem mais acima do Oceano,
os olhos gretados da pedra
mediram o ciclônico universo,
e foi central a mão que elevava
a pura magnitude das tuas estátuas.
Tua rocha religiosa foi cortada
em todas as linhas do Oceano
e os rostos do homem apareceram
surgindo da entranha das ilhas,
nascendo das crateras vazias
com os pés enredados no silêncio. (CG., p.519)

Veja-se que “o rosto do homem” sobe “da lava escorial”, “mais acima do Oceano”, “os rostos do homem apareceram / surgindo da entranha das ilhas / nascendo de crateras vazias / com os pés enredados no silêncio”, o que pode metaforizar um parto de mar para o homem americano.

A Antártica também é material poético, nesse livro, e, como uma região, um “reino”, em que a beleza impera, um quase limbo, em que só há “solidão sem terra e sem pobreza” e o sujeito do poema pode pedir que ela lhe dê o seu “nobre peito removido pela invasora solidão”, seu “peito de paz que limpa o frio”, pois há infinitas possibilidades, nesse espaço, onde “todos os mares são o [seu] mar redondo”. Observe-se:

Antártica, coroa austral, cacho
de lâmpadas geladas, cinerária
de gelo desprendida
da pele terrenal, igreja quebrada

pela pureza, nave desbocada
sobre a catedral da brancura,
imoladora de quebradas vidraças,
furacão estilhaçado de paredes
de neve noturna,
dá-me teu nobre peito removido
pela invasora solidão, o leito
do vento aterrador mascarado
por todas as corolas do arminho,
[...]
ou o teu peito de paz que limpa o frio
como um puro retângulo de quartzo,
e o não respirado, o infinito
material transparente, o ar aberto,
a solidão sem terra, sem pobreza.
Reino do meio-dia mais severo,
Harpa de gelo sussurrada, imóvel,
Perto das estrelas inimigas.

Todos os mares são o teu mar redondo. (CG., p.527)

No último livro de *Canto Geral*, “Eu sou”, uma espécie de autobiografia de Neruda, aparecem muitas regiões por onde o poeta viajou e há ênfase na cidade, que se opõe à pureza da natureza, como um lugar que endurece o homem rural. Veja-se o poeta falando de sua experiência urbana, quando chega, pela primeira vez, à capital do Chile, em “Companheiros de viagem”:

Saí a viver: cresci e endurecido
fui pelas ruelas miseráveis
sem compaixão, cantando nas fronteiras
do delírio. Os muros se encheram de rostos:
olhos que não olhavam a luz, águas torcidas
que iluminavam um crime, patrimônios
de solitário orgulho, cavidades
cheias de corações arrasados. (CG., p.570)

Em “México 1940”, o tema da cidade é retomado, o que aponta também para a modernidade da poesia de Neruda e sua inserção no Modernismo. Aqui o percurso do progresso se imiscui, na descrição, em que “mortos”, “amor leproso” e “ruínas” são indiciadores de sua presença destrutiva de “dentes solapados”. Observe-se:

[...]
o ruído venenoso
da cidade, os dentes solapados
do pululante poetiso, e sobre
as folhas dos mortos e dos degraus
que construiu o silêncio irredutível,
como coto dum amor leproso,

o esplendor molhado das ruínas. (CG., p.580)

Memorial da Isla negra, texto predominantemente auto-biográfico, está dividido em cinco livros: “Onde nasce a chuva”, “A lua no labirinto”, “Fogo cruel”, “O caçador de raízes” e “Sonata crítica”. Nessa obra, também, o telurismo e o vínculo com a região é enfático. O Chile é presença monumental com sua cordilheira, as matas, as vinhas e o mar, elementos emblemáticos do regional. Em “Nascimento” o poeta já se mostra completamente integrado na terra chilena e sua paisagem. iz ele:

Nasceu um homem
entre muitos
que nasceram,
vivi entre muitos homens
que viveram,
e isto não tem história,
mas terra, terra central do Chile, onde
as vinhas encrespam suas cabeleiras verdes,
e o vinho nasce dos pés do seu povo .
[...]
Já não existe
a casa nem a rua:
soltou a cordilheira
seus cavalos,
acumulou-se o profundo poderio,
brincaram as montanhas
e caiu a vila envolta no terremoto. (MIN., p.19)

Em “Primeira viagem”, falando de sua casa na infância, o poeta demonstra o quanto esse sentimento é forte, a ponto de fazer o sujeito poético declarar: “tudo o que toco se converte em bosque”. Observe-se:

As tábuas desta casa
cheiravam como bosque, à selva pura.
Desde então o meu amor
foi madeireiro
tudo o que toco se converte em bosque.
Em mim confundo
Olhos e folhas,
certas mulheres com a primavera
da aveleira, confundo o homem com a árvore,
amo o mundo do vento e da folhagem,
e não distingo entre lábios e raízes. (MIN., p.21)

Em “O primeiro mar” o poeta aponta como esse elemento é essencial na sua formação e, inclusive, opera uma transformação, na sua personalidade, que já foi mais definida pelo vínculo com a mata, a “madeira”, cuja “unidade foi rompida” assim como

“o cárcere do bosque”, para que entre a “onda com seu estrondo” e como sua vida foi transfigurada “com um golpe de mar”. Observe-se:

[...]
eu saí dessas raízes,
cresceu em mim a pátria,
foi rompida a unidade da madeira:
a cárcere do bosque
abriu uma porta verde
por onde entrou a onda com seu estrondo
minha vida estendeu-se
com um golpe do mar, em pleno espaço. (MIN., p.27)

Mas de qualquer forma, em “Terra austral” se reafirma definitivamente o “pacto com a terra”:

Estou vivo de novo.
mas, daquele momento,
desses passos perdidos,
da confusa solidão e do medo, e dessas trepadeiras,
do cataclismo verde sem saída, voltei com o segredo:
então, somente ali pude sabê-lo,
pela escarpada margem desta febre,
ali, na luz sombria,
decidiu-se meu pacto
com a terra. (IN., p.29)

Do movimento pendular de ligação com a terra e o mar é que se configura a alma do poeta, que pode ser “folha”, “neve”, “mar”. Em “A condição humana”, temos uma declaração de amor a todos esses elementos constitutivos, que fazem-no ter “pés” que são “território”. Observe-se:

Por trás de mim até o Sul, o mar havia
rasgado os territórios com glacial martelo,
e desde a solidão arranhada no silêncio
converteu-se subitamente em arquipélago,
e verdes ilhas foram envolvendo a cintura
da minha pátria,
pólen ou pétalas de uma rosa marinha
e, ainda mais, eram profundos os bosques iluminados
por pirilampos, o lodo fosforescente,
deixavam cair as árvores grandes cordas secas
como num circo, e a luz andava gota a gota
como uma bailarina verde de espessura.

[...]
Assim meu corpo foi se estendendo, de noite
meus braços eram neve,
meus pés território furacão,

e cresci como um rio aguaceiro,
e fui fértil com tudo
o que caía em mim, germinações
cantos de folha e folha, escaravelhos
que procriavam, novas
raízes que ascenderam
ao sereno, (MIN.,p.41)

Não há dúvida sobre o quanto a região é importante para o universo poético de Pablo Neruda: o seu Chile, com a terra, os bosques, as matas, a cordilheira, o mar, que são parte dele, personificam-se; a América Latina, com todos os seus países, a Espanha de que ele pode dizer está “em meu coração”, e o poeta estende esse conceito do regional para todos os países identificados no conflito da opressão e na adesão pelas lutas emancipatórias. Então, ser regional é um conceito duplo, pois pode referir a apologia da região, ou sua defesa, mas também pode ser uma forma de mostrar que a luta pela libertação do homem é universal. Daí, a regionalidade da poesia de Neruda, que só é alcançada, quando o texto não é apenas localista. Neruda demonstra, então, que é homem de seu tempo e do mundo moderno.

Referências

- CHIAMPI, Irleamar. (Org.) *Fundadores da modernidade*. São Paulo: Ática, 1991 (Série Temas - Estudos literários)
- BERTUSSI, Lisana. *Tradição, modernidade, regionalidade*. Porto Alegre: Movimento / Caxias do Sul: EDUCS, 2009
- FRIEDRICH, Hugo. *Estrutura da lírica moderna: da metade do século XIX a meados do século XX*. Tradução de Marise M. Curione. São Paulo: Duas cidades, 1978.
- NERUDA, Pablo. *Crepusculario*. Tradução de José Eduardo Degrazia. Porto Alegre: L&PM, 2007.
- _____. *Vinte poemas de amor e uma canção desesperada*. Tradução de Domingos Carvalho da Silva. 24ª ed. José Olympio, 2005.
- _____. *Residência na terra I*. Tradução de Paulo Mendes Campos. Porto Alegre: L&PM, 1980.
- _____. *Residência na terra II*. Tradução de Paulo Mendes Campos. Porto Alegre: L&PM, 2004.
- _____. *Terceira residência*. Tradução de José Eduardo Degrazia. Porto Alegre: L&PM, 2007.

_____. *Canto geral*. Tradução de Paulo Mendes Campos. 13ª ed. Rio: Bertrand Brasil, 2006.

_____. *Memorial de Isla negra*. Tradução de José Eduardo Degrazia. Porto Alegre: L&PM, 2007.

OLIVEN, Ruben George. *A parte e o todo: a diversidade cultural do Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1992.

POZENATO, José Clemente. *O regional e o universal na literatura gaúcha*. Porto Alegre: Movimento, 1974.

TELLES, Gilberto Mendonça. *Vanguarda européia e Modernismo brasileiro: apresentação dos principais poemas, manifestos, prefácios e conferências vanguardistas, de 1957 até hoje*. 10ª ed. Rio de Janeiro: Record, 1987.